

**ANÁLISE DE UM EXEMPLAR DE
ARTIGO DE OPINIÃO A PARTIR
DE ALGUNS CONCEITOS DO
PENSAMENTO BAKHTINIANO
SOBRE OS ESTUDOS DO DISCURSO**

*ANALYSIS OF A COPY OF NA OPINION
ARTICLE BASEAD ON SOME CONCEPTS
OF BAKHTINIAN THOUGHT ON
DISCOURSE STUDIES*

Cíntia de Castro Leite 1

Resumo: Este artigo apresenta uma pesquisa bibliográfica que buscou analisar alguns conceitos do pensamento bakhtiniano sobre os estudos do discurso a partir do gênero discursivo de opinião, cujo título é “Kombi dos insensatos”, escrito pelo articulista Ranier Bragon. O levantamento dos conceitos bakhtinianos no artigo de opinião analisado constituiu um fator relevante, pois contribui para a análise de um gênero tão difundido nos meios de comunicação da sociedade atual e, principalmente, em sala de aula para a formação de um sujeito crítico. Para a realização da análise proposta, a pesquisa apoiou-se em autores que se dedicam ao tratamento de questões ligadas aos conceitos de Bakhtin, dentre os quais Bakhtin (2016), Brait (2018), Fiorin (2018), Miotello (2018) e Volóchinov (2017).

Palavras-chave: Conceitos Bakhtinianos. Discurso. Artigo de Opinião.

Abstract: This article presents a bibliographic research that sought to analyze some concepts of Bakhtinian thought on discourse studies from the textual genre of opinion article, whose title is “Kombi dos insensatos” written by Ranier Bragon. The survey of Bakhtinian concepts in the analyzed opinion article was a relevant factor, since it contributes to the analysis of a genre so widespread in the media of today’s society and, mainly, in the classroom for the formation of a critical subject. To carry out the proposed analysis, the research relied on authors who are dedicated to dealing with issues related to Bakhtin’s concepts, among which Bakhtin (2016), Fiorin (2016, 2018), Miotello (2018) and Volóchinov (2017).

Keywords: Bakhtinian Concepts. Speech. Opinion Article.

Introdução

É fato que muitas vezes, para que um texto faça sentido, tanto no que está explícito quanto no que está implícito, precisamos acionar conhecimentos muito além dos significados dos signos linguísticos. É imprescindível recorrer de conhecimentos sobre o contexto sócio-histórico em que o enunciado foi proferido, principalmente para nós, professores de língua, cuja principal ferramenta de trabalho é o texto. Precisamos auxiliar os alunos a ‘ver’ o que não está na superfície do texto e que muitas vezes passa despercebido, por serem ainda leitores em formação.

Partindo disso, o tema desta pesquisa é a análise de um gênero discursivo, a partir de alguns conceitos do pensamento bakhtiniano sobre os estudos do discurso. O texto escolhido para análise pertence ao gênero artigo de opinião, publicado no jornal *Folha de S. Paulo* de 24 de setembro de 2019, cujo título é “Kombi dos insensatos”, quem assina é o articulista Ranier Bragon.

Recorreremos, para efeito de recorte, os conceitos de: Língua, linguagem e enunciado; Gênero do discurso; Enunciado, enunciado concreto e enunciação; Palavra; Ideologia; Interdiscursividade e intertextualidade e Dialogismo. Utilizaremos como fundamentação teórica a definição de tais conceitos através de obras-fontes (BAKHTIN, 2016; VOLOCHÍNOV, 2017), como também obras de especialistas do autor russo, como Brait (2018), Miotello (2018) e Fiorin (2018).

Este trabalho tem por objetivo discutir algumas concepções teóricas de Bakhtin e do círculo. E, especificamente, demonstrar como essas concepções podem ser utilizadas para a análise do gênero discursivo artigo de opinião.

Os resultados da análise do artigo de opinião mostram como uma abordagem desse tipo pode esclarecer vários pontos importantes que não estão explícitos no enunciado, bem como propiciar uma compreensão e reflexão mais crítica de um determinado assunto.

As proposições teóricas de Bakhtin e o círculo

Para a análise do artigo de opinião proposto por essa pesquisa, faz-se necessário conhecer alguns conceitos de Bakhtin e seu círculo através de obra-fontes e, também, de estudiosos sobre o autor.

Na obra *Marxismo e filosofia da linguagem* o autor Valetin Volóchinov, o qual também faz parte do círculo de Bakhtin, apresenta um estudo sobre Língua, linguagem e enunciado. Nela destaca que não há como a língua ser um sistema de formas normativas idênticas, pois a preocupação do falante não está na identidade da forma, mas sim no significado concreto e novo que ela vai adquirir num determinado contexto. Desse modo, o imprescindível para o falante da língua é saber que “a forma linguística é importante não como um sinal constante e invariável, mas como um signo sempre mutável e flexível” (VOLÓCHINOV, 2017, p.177).

Sob essa perspectiva, o referido autor aponta que o importante para o falante é ter como foco o ponto de vista de seu interlocutor, já que é ele quem escuta e compreende, este nunca estaria dissociado do contexto concreto e da sua significação dentro de um enunciado, pois

[...] uma forma linguística não será compreendida como tal enquanto ela for apenas um sinal para aquele que a compreende. Um sinal puro não existe nem nas fases iniciais da aprendizagem da língua. Mesmo nesse caso, a forma é orientada pelo contexto e se constitui em um signo, embora estejam presentes sua natureza de sinal e o momento do seu reconhecimento (VOLÓCHINOV, 2017, p. 179).

Outro ponto considerável, é que a forma linguística é usada pelos falantes em determinados contextos ideológicos, Volóchinov (2018, p. 181) evidencia que “[...] a palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana. É apenas essa palavra que compreendemos e respondemos, que nos atinge por meios da ideologia ou do cotidiano”.

Assim, o autor esclarece que o maior erro do objetivismo abstrato foi dissociar “[...] a língua do seu conteúdo ideológico” (p.182).

Discutindo ainda esse conceito, Volóchinov (2018) afirma também que a língua, como um sistema de formas normativas e idênticas, só pode ser considerada assim sob o viés da decifração e ensino de uma língua alheia ou morta, não podendo ser o responsável pela compreensão e muito menos para explicação dos fatos linguísticos. Pensar a língua sob essa abordagem desprezaria o ato discursivo e seu produto, o enunciado, o qual jamais será algo individual, porque ele é de “natureza social”.

Apresentando um panorama histórico dos estudos dos filologistas a partir das línguas mortas e o papel do cruzamento linguístico para explicar a evolução e origem da linguagem, Volóchinov (2018, p. 191) discorre sobre o conceito de palavra alheia que segundo o autor “[...] é importante para nós como um fator que determinou o pensamento filosófico-linguístico, bem como todas as categorias e abordagens desse pensamento”.

Para o autor, é imprescindível a orientação da palavra aos interlocutores, sendo ela um ato bilateral. “Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 205).

De fato, a palavra se constrói, torna-se viva no contato com o contexto em que o enunciado foi proferido, na realidade concreta desse enunciado, que pode até ser considerado individual, porém estará sempre impregnado de ideologia, tanto do ouvinte quanto do falante.

A utilização da palavra, em todos os sentidos, envolve a interação entre os sujeitos, por mais simples que seja um enunciado, ele sempre se direciona a um outro, havendo necessidade de uma reação perante a este enunciado, um posicionamento, pois sem isso não haverá interação.

Acerca dessa lógica, Volóchinov (2018) compreende que o centro organizador de todo enunciado está no exterior: no meio social que circunda o indivíduo, sendo ele um produto da interação social, a realidade fundamental da língua. Logo, ainda de acordo com o autor, a comunicação discursiva nunca poderá ser compreendida nem explicada fora dessa ligação com a situação concreta.

No entanto, é imprescindível o entendimento do que significa enunciado em outras vertentes teóricas, não só nas concepções bakhtinianas. Brait e Melo (2018) discorrem sobre a diversidade de significados do termo e que, em determinadas teorias, ele equivale à frase ou às sequências frasais. Já as abordagens mais pragmáticas o definem como uma unidade de comunicação e significação, em que uma mesma frase poderá ser utilizada em diversos enunciados, “[...] uma vez que esses são únicos, dentro de situações e contextos específicos, o que significa que a ‘frase’ ganhará sentido diferente nessas diferentes realizações enunciativas [...]” (2018, p.63).

Ainda sob a vertente da pragmática, Brait e Melo (2018) apresentam a concepção de enunciado e enunciação a partir das ideias da pragmática linguística e semântica com o estudioso Oswald Ducrot, o qual adota uma abordagem linguístico-enunciativa, averiguando uma diferença entre frase e enunciado, entre enunciado e enunciação.

Ademais, diversos teóricos de diferentes procedências procuram explicar a natureza do enunciado, definindo-o como uma espécie de texto, em contra partida, outros afirmam o contrário. O que Brait e Melo (2018) deixam transparecer é que o conceito de enunciado não é algo em consonância entre os estudiosos.

Brait e Melo (2018) apontam que a noção de enunciado/enunciação é o enfoque do pensamento bakhtiniano, principalmente devido a sua concepção de linguagem, pois ela é “[...] concebida de um ponto de vista histórico, cultural e social que inclui, para efeito de compreensão e análise, a comunicação efetiva e os sujeitos e discursos nela envolvidos” (2018, p.65).

Dando continuidade a essas reflexões, as autoras analisam que, como é próprio do pensamento de Bakhtin, o conceito de enunciado/enunciação não se apresenta pronto e acabado, visto que todo o sentido e as peculiaridades sobre esses conceitos vão sendo sistematizados no conjunto das obras do autor.

Brait e Melo (2018) expõem, a título de exemplificação dessa afirmação, como a obra *Discurso na vida e discurso na arte – sobre poética sociológica*, conceitua enunciado/enunciado concreto/ enunciação, apontando que eles estão ligados diretamente ao discurso verbal, à palavra e ao evento. Desse modo, o enunciado e a enunciação não podem estar dissociados ao processo interativo, ou seja, o verbal e o não verbal, que fazem parte de determinada situação e, concomitantemente, “[...] fazem parte de um contexto maior histórico, tanto no que diz respeito a aspectos (enunciado, discursos, sujeitos, etc.) que antecedem esse enunciado específico quanto ao que ele projeta adiante [...]” (BRAIT; MELO, 2018, p.67).

Partindo dessa óptica, Brait e Melo (2018) entendem que a situação extra verbal atua sob o enunciado, tornando-se parte essencial para o processo de significação, ou seja, fora do contexto extra verbal o enunciado perde toda a sua significação. Logo, o enunciado concreto, que é todo esse contexto extra verbal, poderá ao longo de outras obras de Bakhtin ou diferentes traduções vir conceituado na ideia de palavra, de texto e de discurso, ou até mesmo como enunciação concreta.

Outro aspecto relevante que Brait e Melo (2018) ressaltam é que a ideia de enunciação, presente na obra de Bakhtin, *Discurso na vida e discurso na arte-sobre poética sociológica*, é entendida por se situar

[...] na fronteira entre a vida e o aspecto verbal do enunciado; ela, por assim dizer, bombeia energia de uma situação da vida para o discurso verbal, ela dá a qualquer coisa linguisticamente estável o seu momento vivo, o seu caráter único. Dessa maneira o conceito de enunciação está diretamente ligado a enunciado concreto e à interação em que ele se dá (BRAIT; MELO, 2018, p. 68).

Já no livro *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volóchinov (2017) apresenta uma conceitualização de enunciação, que, de acordo com Brait e Melo (2018), acontece nas partes em que o autor trata de questões relacionadas à palavra e ao signo. Assim, a questão de enunciação vai sendo construída a partir de uma dimensão discursiva, no que diz respeito a um caráter interativo, social, histórico, cultural. Importante ressaltar que,

[...] a ideia de enunciação, de presença de sujeitos e de história na existência de um enunciado concreto, apontando para enunciação como sendo de natureza constitutivamente social, histórica e que, por isso, liga-se a enunciações anteriores e a enunciações posteriores, produzindo e fazendo circular os discursos (BRAIT; MELO, 2018, p. 68).

Sobre isso, Bakhtin, em sua obra *Os gêneros do discurso* (2016), detalha que, em todo e qualquer campo da atividade humana há a presença da linguagem. Além disso, o autor afirma que essa linguagem se dá em forma de enunciados, que devem ser sempre considerados no processo de interação, e que estes consideram as condições específicas e as finalidades de cada enunciado, pautando não só no conteúdo temáticos e estilo da linguagem, mas, principalmente, por sua construção composicional. Já que

[...] o estudo da natureza dos enunciados e dos gêneros discursivos é, segundo nos parece, de importância fundamental para superar as concepções simplificadas da vida do discurso, do chamado ‘fluxo discursivo’, da comunicação, etc., daquelas concepções que ainda dominam a nossa linguística. Além do mais, o estudo do enunciado como unidade real da comunicação discursiva permitirá compreender de modo mais correto também a natureza das unidades da língua (enquanto sistema) – as palavras e orações (BAKHTIN, 2016, p. 22).

Outros estudiosos da linguística apresentavam ponto de vista diferente sobre a função comunicativa da linguagem, acreditavam que ela deveria ser considerada apenas pelo ponto de vista do falante, sem qualquer relação com os outros participantes da comunicação discursiva. O ouvinte tinha a função de apenas compreender o falante, com base nisso, “[...] a língua necessita apenas do falante e do objeto da sua fala” (BAKHTIN, 2016, p.24).

Embora essa teoria seja hoje questionada, Bakhtin (2016) explica que essas estruturas não podem ser consideradas falsas, porém quando “[...] passam ao objetivo real da comunicação discursivas elas se transformam em ficção científica [...]” (2016, p.24). Sendo evidente, de acordo com o autor russo, que o ouvinte, ao entender e perceber o significado do discurso, tomará perante ele uma ativa posição responsiva, mesmo que não seja exatamente no momento da enunciação, pode ser que essa ação responsiva ocorra tardiamente. Em virtude disso, os gêneros da complexa comunicação cultural nasceram para essa ação responsiva que se dá de maneira tardia.

Ademais, Bakhtin (2016, p. 26) ainda acrescenta que todo falante é “[...] por si mesmo respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo [...]”, e conclui que “[...] cada enunciado faz parte de elo de uma corrente complexamente organizada de outro enunciado”.

Assim, o autor demonstra que todo e qualquer discurso só existe na forma de enunciado concreto, e todo discurso está inserido num enunciado, que pertence a um sujeito do discurso, e sem isso não há como existir um discurso. Diante dessa concepção, Bakhtin (2016) conclui:

O enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado. Porque a nossa própria ideia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento (BAKHTIN, 2016, p. 59).

Outro conceito fundamental no pensamento de Bakhtin e de seu círculo diz respeito à ideologia. Um estudioso do filósofo russo, Miotello (2018), afirma que eles não tratam a questão da ideologia como algo pronto e recebido de forma passiva pelo indivíduo, ou até mesmo vivendo na consciência individual do homem, segundo Miotello (2018), esses estudiosos tratam a ideologia de forma concreta e dialética, como forma de constituição dos signos ou da subjetividade.

Entretanto, para construção desse raciocínio, de acordo com Miotello (2018), Bakhtin e seu Círculo partem do conceito de ideologia a partir dos pensamento do marxismo oficial, porém não incorporam totalmente essa concepção, colocando ao lado da ideologia oficial a ideologia do cotidiano, que “[...] é considerada como a que brota e é constituída nos encontros casuais e fortuitos, no lugar do nascedouro dos sistemas de referência, na proximidade social com as condições de produção e reprodução da vida” (MIOTELLO, 2018, p. 169).

Desse modo, Miotello (2018) destaca que de um lado há a ideologia oficial e de outro a do cotidiano, a primeira com um conteúdo relativamente estável, e a segunda com acontecimento relativamente instável, embora ambas formem um contexto ideológico completo e único. E essa abordagem sobre ideologia também está inserida na concepção de signo.

Partindo dessa lógica, Miotello (2018) apresenta o que Bakhtin e seu Círculo definiram como signo: “Objetos materiais do mundo recebem função no conjunto da vida social, advindos de um grupo social organizado no decorrer de suas relações sociais, e passam a significar além de suas próprias particularidades materiais” (MIOTELLO, 2018, p.170).

Miotello (2018) utiliza, para explicitar esse conceito, o exemplo de uma camiseta. Com essa mesma peça do vestuário, é possível fazer uma comparação com o ocorrido nos dias atuais, em que um morador da determinada comunidade do Rio de Janeiro estendeu no varal de sua casa a camiseta de um estudante morto por policiais. Nela estava presente o sangue do ga-

roto e o furo da bala perdida. Esse exemplo mostra como a camiseta não representa mais apenas o objeto, ela, nesse contexto relatado, tem outro signo, incorporando o valor de denúncia.

Sob esse viés, Miotello (2018) afirma que todo signo é ideológico, assim o ponto de vista, o lugar valorativo e a situação são sempre determinada sócio-historicamente e que a construção do significado do signo é na comunicação nas diversas esferas de atividades humana.

Para Bakhtin (2016) o indivíduo não se constrói apenas nos discursos, mas em todas as atividades humanas, pois todas fornecem espaços de encontros para compor a subjetividade para constituição dos sentidos. A partir disso, Miotello (2018) caracteriza a ideologia, a partir da abordagem bakhtiniana, como “[...] a expressão, a organização e a regulação das relações históricos-materiais dos homens” (MIOTELLO, 2018, p.171).

Uma conceituação importante referente à ideologia diz respeito a infraestrutura e a superestrutura, para Miotello (2018) esta pode ser entendida como sistema de referência que troca sentido com toda a sociedade, e aquela como esferas das diversas ideologias especializadas e formalizadas. Entendemos esses conceitos como sendo superestrutura o macro, algo relacionado a sociedade como um todo e infraestrutura como o micro, ou seja, uma comunidade, um grupo que pertence à uma determinada sociedade.

Sob essa perspectiva, o autor evidencia que toda e quaisquer mudanças sociais refletem imediatamente na língua. Assim sendo, as palavras funcionam como agente e memória de uma sociedade, pois nelas estão inseridas uma multidão de ideologias, “[...] contraditórias entre si, pois frequentaram e se constituíram em todos os campos das relações e dos conflitos sociais” (MIOTELLO, 2018, p.172).

Outra proposição teórica de Bakhtin e seu círculo, de grande notabilidade, diz respeito ao conceito de intertextualidade e interdiscursividade. Fiorin (2018) aponta que o termo intertextualidade, foi a primeira palavra bakhtiniana a ganhar prestígio no Ocidente. Esse vocábulo intertextualidade, foi nos apresentado por Kristeva em 1967 com o estudo das obras *Problemas da poética de Dostoiévki e A obra de François Rebelais*. Para Bakhtin “[...] o discurso literário não é um ponto (um sentido fixo), mas um cruzamento de superfícies textuais, um diálogo de várias escrituras” (FIORIN, 2018, p. 163).

Fiorin (2018) aponta também que todo texto é um intertexto, há outros presentes nele, em níveis variáveis, de maneiras mais ou menos explícitas e a intertextualidade é uma maneira real de produção de texto. Ainda observa que, para Kristeva e Barthes, o texto é uma

[...] prática significativa, em que desconstrói e reconstrói a língua, em que é o lugar da constituição do sujeito, em seu modo de funcionamento é a relação constitutiva com outros textos, poderia muito facilmente recobrir aquilo que entendemos por discurso (FIORIN, 2018, p. 165).

Para discutir qual a nomenclatura utilizada por Bakhtin na questão do interdiscurso, Fiorin (2018) reconhece que essa questão aparece na obra do autor russo como dialogismo. Mas pondera que é necessário desfazer algumas leituras mais superficiais e equivocadas da obra bakhtiniana sobre esse assunto, como acreditar que dialogismo é o mesmo que o diálogo, no sentido presencial mesmo; e que há dois tipos: o dialogismo entre interlocutores e o dialogismo entre discurso.

Esses equívocos a respeito do conceito de dialogismo fogem totalmente, segundo Fiorin (2018), das afirmações de Bakhtin, pois ele é categórico em sustentar a tese de que o diálogo face a face é uma forma composicional em que ocorrem relações dialógicas. Já a concepção de que há dois tipos de dialogismos é inaceitável, porque o dialogismo é sempre entre discurso e não entre interlocutor, pois este só existe enquanto discurso.

Após desconstruir os conceitos distorcidos sobre dialogismo, Fiorin (2018) apresenta-nos o que Bakhtin afirma ser essa teoria: “a- É o modo de funcionamento real da linguagem e, portanto, é seu princípio constitutivo; b- É a forma particular de composição do discurso” (FIORIN, 2018, p.167).

Além disso, é conveniente destacar que o dialogismo é um fenômeno, tanto social quanto individual, sendo assim, Fiorin (2018) lembra que, para o autor russo, esse fenômeno não abrange apenas questões políticas, culturais, econômicas que interferem diretamente nas visões de mundo do sujeito, mas também, a fala a qual se constrói “[...] pela opinião do locutor imediato ou a reprodução da fala alheia com uma entonação zombeteira, dubitativa, admirativa, indignada, aprovadora, reprovadora etc.” (FIORIN, 2018, p.177).

Para abordar a questão da interdiscursividade e intertextualidade, Fiorin (2018) primeiramente aponta a dificuldade em diferenciar texto, enunciado e discurso. O primeiro, segundo o autor, representa uma realidade imediata, um conjunto coerente de signos e não precisa ser necessariamente verbal em que se manifesta “[...] o pensamento, a emoção, o sentido, o significado” (FIORIN, 2018, p.179).

Ademais, uma dúvida pode surgir no leitor: o texto não é, na verdade, sinônimo de enunciado? Fiorin (2018) aponta a necessidade de se ler atentamente as obras de Bakhtin, juntando pistas para construir o conceito de que o enunciado tem relação com o sentido, enquanto o texto faz parte da manifestação. Ele ainda reitera que, como o sentido não pode ser dado fora das relações dialógicas, logo sua forma de se manifestar é pelo texto, o qual é considerado uma entidade em si.

Já o discurso “[...] deve ser entendido como uma abstração: uma posição social fora das relações dialógicas” (FIORIN, 2018, p.181), pois, como detalha o autor, o interdiscurso é interior ao intradiscurso, ou seja, é formado por ele.

Dessa forma, na comunicação verbal real o que existe são enunciados, que são constitutivamente dialógicos. O discurso é apenas a realidade aparente de que os falantes concebem seu discurso autonomamente, dão a ele uma identidade essencial.

Sob essa perspectiva, Fiorin (2018) consegue fazer uma distinção bem didática sobre intertextualidade, afirmando que esta última fica restrita quando a ação discursiva se dá em texto, ou seja, há a “[...] inserção de outro texto que fora antes produzido e já configura na memória coletiva ou discursiva dos interlocutores” (KOCH, BENTES e CAVALCANTE, 2008, p. 17).

Diante disso, Fiorin (2018) conclui que a intertextualidade está sempre atrelada à interdiscursividade, embora o contrário não aconteça, pois quando a relação dialógica não está presente no âmbito do signo verbal, temos a interdiscursividade.

Análise do gênero

Pretendemos demonstrar como as definições bakhtinianas, apontadas no item anterior, cabem à análise de qualquer gênero discursivo, aqui, especificamente, o artigo de opinião. O exemplar analisado foi publicado em um dos maiores jornais do Brasil, *Folha de S. Paulo*, do dia 24 de setembro de 2019, na seção Opinião.

O articulista é Ranier Bragon, o qual escreve para *Folha de S. Paulo* desde 1998, sendo editor-adjunto de Poder e assina a coluna Brasília, às terças-feiras, na seção Opinião. Segundo o site portal dos jornalistas, ele iniciou sua carreira nesse periódico pelo programa de trainee e logo após foi correspondente em Belo Horizonte.

É relevante destacar que o jornalista foi um dos autores da reportagem que mostrou a ligação documental do ex-presidente da Câmara Eduardo Cunha com o esquema Petrobrás e da série que revelou o expressivo crescimento patrimonial da família Bolsonaro, além da existência de uma funcionária fantasma no gabinete do então deputado Jair Bolsonaro.

No que diz respeito ao gênero discursivo analisado, é importante salientar que o artigo de opinião faz parte da esfera jornalística, apresenta como tema assuntos polêmicos, que podem estar inseridos em contextos políticos, sociais, científicos e culturais. Sempre atrelados a algum fato acontecido ou noticiado, como no caso do artigo analisado os contextos político e social. Esse último se refere à morte da menina Ágatha Vitória Sales Félix, de 8 anos, assassinada com um tiro nas costas, quando voltava para casa com a mãe, no Complexo do Alemão, na Zona Norte do Rio, ato cometido por policiais militares; enquanto o primeiro se relaciona ao fato de não haver um posicionamento das autoridades sobre o ocorrido.

A construção composicional do gênero é estritamente verbal, organizado em: introdu-

ção, tese, argumentos e conclusão. Além desses elementos, é importante destacar que todo artigo de opinião, geralmente, é escrito por um especialista no assunto. No caso, o articulista Ranier Bragon é um especialista em política, em função disso, traça um paralelo entre a omissão, a covardia e a hipocrisia dos políticos a respeito a tal situação. Apontando a responsabilidade pelo ocorrido desde o governador do Rio de Janeiro até o Ministro da Justiça.

Para Bakhtin (2016) todo “[...] enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciado [...]” (p.12). Partindo dessa concepção de que os gêneros são relativamente estáveis, percebe-se que, na grande maioria dos artigos de opinião, o uso da linguagem formal, objetiva e clara é quase uma regra, porém, no artigo analisado, há a presença de metáforas, como no trecho: “Está lá também, encolhido na parte de trás da Kombi, o inescusável Sérgio Moro”.

O uso de figuras de linguagem não é muito comum no estilo desse gênero, que preconiza uma linguagem mais objetiva. No entanto, o autor utilizou um estilo mais pessoal com marcas de autoria em seu artigo, visando a uma compreensão responsiva de seus interlocutores, uma forma de influenciar seus leitores a construir um paralelo entre o ocorrido, mostrando a culpabilidade de cada autoridade em diferentes instâncias.

Ainda utilizando o exemplo acima, podemos observar a ocorrência do conceito de significação e tema. Se nos pautarmos apenas no critério de significação, que de acordo com Volóchinov (2017, p. 227) “[...] é única e determinada, isto é, um sentido único pertencente a qualquer enunciado como uma totalidade”, quando o autor do artigo se refere ao Ministro da Justiça encolhido na parte de trás da kombi, podemos entender apenas o que está exposto, ou seja, um Ministro que se escondera no fundo de um automóvel, apenas isso.

Contrariamente a essa lógica da significação, para uma real compreensão do enunciado, temos que pensar na questão do tema que

[...] deve ser único, caso contrário não teremos nenhum fundamento para falar sobre o enunciado. Em sua essência, o tema é individual irrepetível como o próprio enunciado. Ele expressa a situação histórica concreta que gerou o enunciado (VOLÓCHINOV, 2017, p. 228).

A partir dessa concepção, é que podemos fazer a interpretação correta do trecho retirado como exemplo, pois o que o autor do artigo pretende dizer é que o Ministro da Justiça está omissos diante do assassinato da menina. Prefere ‘se esconder’ para não se envolver diretamente, já que seu pacote anticrime apresenta o projeto sobre excludente de ilicitude, proposta que pode livrar de qualquer punição policiais acusados de agredir ou até mesmo matar em determinadas situações – como o ocorrido com a menina Ágatha.

Segundo Volóchinov (2017), é imprescindível a orientação da palavra aos interlocutores, sendo ela um ato bilateral. “Na palavra, eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro” (p.205). De fato, a palavra constrói-se, torna-se viva no contato com o contexto em que o enunciado foi proferido, na realidade concreta desse enunciado, que pode até ser considerado individual, porém estará impregnado de ideologia, tanto do leitor, quanto do autor.

Pode-se perceber essa concepção na escolha de determinadas expressões no artigo em análise. Ao se fazer um contraponto entre a menina assassinada e, segundo o autor do artigo, os responsáveis pelo ocorrido, o articulista utiliza as expressões: ‘sorriso famoso nacional e internacionalmente’, referindo-se à Ágatha, e ‘sorriso idiotizado’, referindo-se ao Presidente.

A utilização da palavra, em todos os sentidos, envolve a interação entre os sujeitos, por mais simples que seja um enunciado, ele sempre se direciona a um outro e há a necessidade de uma reação perante a este enunciado, um posicionamento, pois sem isso não haverá interação. É fato que o artigo em estudo pretende uma atitude responsiva de seus interlocutores de indignação pelo ocorrido.

Acerca dessa lógica, Volóchinov (2017) discorre que o centro organizador de todo enun-

ciado está no exterior: no meio social que circunda o indivíduo, sendo ele um produto da interação social, a realidade fundamental da língua. Logo, ainda de acordo com o referido autor, a comunicação discursiva não poderá ser compreendida, nem explicada se não levar em conta a situação concreta.

Tanto que, para compreensão efetiva do artigo, Bragon considera os conhecimentos prévios do leitor como: as particularidades do assassinato da menina Ágatha Felix, onde e como ocorreu; o comentário feito na rede social pelo filho do presidente comentando o filme do Rambo; o projeto do Ministro Sérgio Moro sobre o excludente de ilicitude.

Sem esses conhecimentos prévios a atitude responsiva de seus interlocutores seria outra, diferente da esperada. Interessante constatar, com esse exemplo, que o discurso verbal está ligado ao cotidiano em si, e não se pode desconsiderá-lo, já que ao fazê-lo correrá o risco de perder toda a significação.

Ainda no que diz respeito a importância desses saberes prévios, percebemos que

[...] como a fala/escrita é uma atividade fundamentalmente cooperativa, o autor de um texto é obrigado a prever constantemente o tipo de competência de que dispõe seu destinatário para decifrá-lo. Quando se trata de um texto impresso para um grande número de leitores, o destinatário, antes de ser um público empírico, ou seja, o conjunto de indivíduos que lerão efetivamente o texto, é apenas uma espécie de imagem à qual o sujeito que escreve deve atribuir algumas aptidões (MAINGUENEAU, 2008, p. 47).

Assim, nessa perspectiva, percebemos que não há possibilidade de se escrever textos totalmente explícitos, o autor sempre levará em conta quem é seu leitor, como no caso do articulista Bragon, que considerou como interlocutores de seu artigo os leitores do jornal *Folha de S. Paulo*, o que, conseqüentemente, já atribuiu a eles alguns conhecimentos necessários para a construção de sentido. Seguindo essa lógica, Koch e Elias (2018) atestam que “[...] caso essa imagem (do leitor) seja equivocada, o texto não só deixará de produzir os efeitos desejados, como ainda será capaz de indispor o leitor potencial para a leitura” (KOCH E ELIAS, 2018, p.31).

Com relação ao conceito de Ideologia, Miotello (2018) destaca que todo signo é ideológico, assim o ponto de vista, o lugar valorativo e a situação são sempre determinadas sócio-historicamente e que a construção do significado do signo é na comunicação das diversas esferas de atividades humana.

Miotello (2018) compreende como signo “[...] objetos materiais do mundo que recebem função no conjunto da vida social, advindos de um grupo social organizado no decorrer de suas relações sociais, e passam a significar além de suas próprias particularidades materiais” (MIOTELLO, 2018, p. 170).

Com base nesses conceitos de Ideologia, conseguimos perceber, dentro do artigo de opinião *Kombi dos insensatos*, que o signo Kombi não tem o significado dicionarizado dentro desse enunciado concreto, ele apresenta outra significação, ou seja, representa o Brasil, pois, no contexto histórico-político-social em que esse enunciado foi escrito, está sendo administrado por pessoas insensatas, como Bragon escreve “A kombi dos insensatos segue desgovernada e a toda velocidade, sem radares a lhe intimidar, alheia às conseqüências e atropelando tudo pelo caminho – a segurança pública é só uma vítima”.

Já referentes aos enunciados, destaca-se que eles, segundo Fiorin (2016), são lugares de luta entre as vozes sociais, já que a sociedade é dividida em grupos sociais com interesses conflitantes, assim as relações dialógicas presentes nos enunciados podem ser “[...] contratuais ou polêmicas, de divergência ou convergência, de aceitação ou recusa, de acordo ou de desacordo, de conciliação ou luta, de conserto ou desconserto” (2016, p.28).

Diante disso, fica perceptível que o artigo de opinião em análise mantém uma relação dialógica com os discursos de determinados governantes, como a atitude do presidente que, de acordo com Bragon, defende uma primária e absurda política de banguê-banguê, para o

combate à criminalidade, ou a omissão do seu filho, Eduardo Bolsonaro, que preferiu tuitar sobre suas impressões referentes ao último filme do Rambo, que retrata bem essa postura de banguê-banguê.

Esse tipo de abordagem aqui feita ao artigo de opinião – Kombi dos insensatos – só foi possível através da concepção bakhtiniana de linguagem. Os exemplos aqui analisados só puderam ser realizados por considerar a interação e a força da dialogicidade, principalmente no que diz respeito à interdiscursividade.

Considerações Finais

Por síntese, podemos dizer que o estudo da linguagem, a partir dos conceitos filosóficos de Bakhtin, apontou que, a análise de texto abordando esses pressupostos é capaz de preparar o leitor a perceber que o ato de ler é muito mais que apenas fazer uma leitura linear e literal.

Rojo (2004) destaca referente a esse assunto, que é preciso que o indivíduo seja capaz de estabelecer relação com outros textos e outros discursos, numa relação dialógica. Sendo o papel de nós, professores, ajudarmos nossos alunos a compreender que a linguagem é uma forma de compreensão do ser-humano, do seu contexto sócio-histórico-cultural, como também, da ideologia inerente ao seu discurso.

Outro ponto relevante, referente a articulação dos conceitos de Bakhtin em nossas práticas pedagógicas, é perceber como essa abordagem pode esclarecer o propósito comunicativo de enunciado, bem como permitir uma compreensão histórico-crítica de determinado assunto.

Ademais, esse tipo de análise possibilita-nos a “[...] compreender com maior propriedade, ou menos ingenuidade, alguns posicionamentos essenciais diante da linguagem, da vida e dos sujeitos que aí se insinuam e se constituem” (BRAIT, 2018, p. 19).

Referências:

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRAGON, R. Kombi dos insensatos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, ano 99, n. 33.046, 24 set. 2019. Opinião, p.A42.

BRAIT, B. Alguns pilares da arquitetura bakhtiniana. In: BRAIT, Beth (org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2018.

_____. Estilo. In: BRAIT, Beth (org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2018.

_____, MELO, R. Enunciado, enunciado concreto e enunciação. In: BRAIT, Beth (org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2018.

FIORIN, J.L. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B.(org.) **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2018.

_____. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2018.

JORNALISTAS EDITORA. Disponível em: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/ranier-bragon-estreia-coluna-de-politica-na-folha-de-s-paulo/ranier-bragon/> Acesso em: 20 fev. 2020.

KOCH, I.G.V., BENTES, A.C., CAVALCANTE, M.M **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2008.

_____, ELIAS, M. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2018.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2008.

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, Beth (org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2018.

ROJO, R. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. 2004. Disponível em: <http://files.saladeleitura-dera.webnode.com/200000194-e3ca4e4c46/ROJO%20CAPACIDADES%20DE%20LEITURA.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2020.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.

Recebido em 13 de novembro de 2020.

Aceito em 13 de janeiro de 2021.